

“GÊNERO E SEXUALIDADE COMO ARMAS DE GUERRA”: A FABRICAÇÃO FASCISTA DO INIMIGO CONTEMPORÂNEO

Varlei Machado da Rosa¹

Fagner Fernandes Stasiaki²

Serli Genz Bölter³

Edemar Rotta⁴

Palabras-chave: Fascismo; Gênero e sexualidade; Inimigo contemporâneo.

INTRODUÇÃO

A ascensão de movimentos de movimentos ultraconservadores, nacionalistas e autoritários tem reaberto o debate sobre a permanência e das metamorfoses do fascismo nas democracias contemporâneas. Embora as experiências fascistas clássicas estejam historicamente associadas ao século XX, determinados elementos do fascismo reaparecerem sob novos formatos, adaptando-se às transformações da sociedade, da política e da cultura. Nesse cenário, a produção de inimigos surge como um dos principais mecanismos de mobilização política e coletiva, assumindo, na atualidade, gênero e sexualidade um papel central nesse processo.

Partindo dessa problemática, o presente trabalho busca analisar de que maneira gênero e sexualidade são instrumentalizados pelas racionalidades fascistas contemporâneas como tecnologias políticas de guerra voltadas à fabricação de inimigos sociais e à legitimação de projetos autoritários. Argumenta-se que as chamadas “guerras morais” ou “guerras culturais” são mecanismos fundamentais na produção de antagonismos políticos, mobilização afetiva e fortalecimento de discursos excludentes.

¹ Mestre e Doutorando em Desenvolvimento e Políticas Públicas (PPDPP), UFFS – Campus Cerro Largo, com Bolsa CNPq. E-mail: varlei.rosa@estudante.uffs.edu.br.

² Mestre e Doutorando em Desenvolvimento e Políticas Públicas (PPDPP), UFFS – Campus Cerro Largo, com Bolsa CNPq. E-mail: Fagner.stasiaki@estudante.uffs.edu.br.

³ Doutora em Sociologia (UFRGS). Graduada em Direito (UNIJUI). Professora permanente do PPGDPP/UFFS – Campus Cerro Largo. E-mail: serli.bolter@uffs.edu.br.

⁴ Doutor em Serviço Social (PUCRS). Professor permanente do PPGDPP/UFFS – Campus Cerro Largo. E-mail: erotta@uffs.edu.br.

Metodologicamente, a pesquisa possui natureza qualitativa e caráter bibliográfico, fundamentando-se na análise crítica da literatura produzida sobre fascismo, autoritarismo, gênero e sexualidade⁵.

DESENVOLVIMENTO

A categoria do fascismo, usada para interpretar os fenômenos políticos da atualidade, ainda é objeto de debates entre pesquisadores e políticos. Traverso (2021) observa que as formas contemporâneas da extrema direita não constituem cópias dos fascismos clássicos, mas tampouco podem ser compreendidas sem referência às racionalidades políticas, aos imaginários sociais e aos mecanismos de mobilização que caracterizaram aquelas experiências.

Sob esse olhar, a atenção desloca-se para os mecanismos de funcionamento do fascismo, entre os quais se destaca a produção permanente de fronteiras simbólicas entre aqueles que pertencem à comunidade política e aqueles que devem ser concebidos como perigosos, indesejáveis ou elimináveis. A construção do inimigo representa uma de suas condições fundamentais de existência. Nesse contexto, Umberto Eco (2018) sustenta que o medo da diferença e a produção permanente de inimigos permanecem características centrais do “Ur-Fascismo”.

Nessa linha, Stanley (2022) argumenta que a política fascista se estrutura a partir da criação de uma divisão entre “nós” e “eles”, estabelecendo hierarquias que distinguem aqueles considerados legítimos integrantes da comunidade política daqueles considerados como ameaças. Em paralelo, Arendt (1989) demonstra que a fabricação do inimigo depende da dissolução das fronteiras entre verdade e mentira, enquanto Mbembe (2017) analisa as políticas contemporâneas da inimizade, mascaradas pela divisão entre os semelhantes e os “não semelhantes”. Em comum, essas perspectivas evidenciam que a produção de inimigos permanece um mecanismo central das racionalidades autoritárias contemporâneas.

É nesse processo que gênero e sexualidade passam a ocupar posição estratégica. Como afirma Bento (2015, s.p.) “[...] além de bombas, muros, exércitos, drones, há

⁵ Como procedimento complementar, foram utilizadas ferramentas de Inteligência Artificial Generativa (IAG) apenas para revisão textual, e fluidez do texto, sem participação na produção das análises, resultados ou conclusões. A autoria intelectual e a responsabilidade pelo conteúdo permanecem integralmente do autor, em conformidade com a Portaria CNPq nº 2.664/2026.

discursos que funcionam como armas de guerra”⁶. A autora evidencia que os direitos das mulheres, os direitos LGBTQIA+ e os direitos humanos passaram a ser apropriados por diferentes projetos políticos e geopolíticos, convertendo gênero e sexualidade em tecnologias políticas capazes de legitimar práticas de controle, exclusão e violência. Essa instrumentalização pode ser observada tanto nas análises pós-coloniais, quanto ao conceito de homonacionalismo elaborado por Puar (2015), que demonstra como determinadas reivindicações LGBTQIA+ podem ser incorporadas seletivamente aos projetos nacionais contemporâneos, reforçando novas formas de exclusão e hierarquização social.

No contexto brasileiro, essa instrumentalização manifesta-se pela produção de “pânicos morais” em torno das dissidências sexuais e de gênero. Conforme Miskolci (2007), esses pânicos emergem dos medos sociais relacionados às mudanças percebidas como ameaçadoras da ordem estabelecida. A disputa em torno do Projeto Federal Escola Sem Homofobia, a difusão da expressão “kit gay” e a consolidação da chamada “ideologia de gênero”, analisadas por Quinalha (2022), exemplificam como pessoas LGBTQIA+, movimentos sociais, universidades e professores passam a ser identificados como responsáveis pela suposta destruição da família, da moral e dos bons costumes. Nesse sentido, gênero e sexualidade tornam-se verdadeiras armas de guerra moral, atualizando mecanismos historicamente presentes nas experiências fascistas e sustentando projetos políticos baseados na fabricação permanente de inimigos.

RESULTADOS, AVANÇOS E REFLEXÕES

A análise desenvolvida evidenciou que as formas contemporâneas do fascismo não constituem cópias dos fascismos clássicos, mas compartilham racionalidades políticas, imaginários sociais e mecanismos de mobilização adaptados às democracias contemporâneas. Nesse contexto, verificou-se que os processos de ruptura democrática não decorrem, necessariamente, de golpes ou da supressão imediata das instituições, mas podem ocorrer gradualmente, a partir do enfraquecimento interno das próprias democracias, mediante a fabricação de inimigos e o enfraquecimento interno das

⁶ O trecho “Gênero e sexualidade como armas de guerra” remete ao texto homônimo lido por Berenice Bento na mesa-redonda “Sexualidade e Gênero” do I Seminário Queer – Cultura e Subversão das Identidades, realizado pelo Sesc Vila Mariana e pela Revista Cult, em 2015. As reflexões desenvolvidas pela autora nessa exposição constituíram uma importante fonte de inspiração para a construção deste artigo.

instituições democráticas. Essa dinâmica evidencia que a produção do inimigo constitui um elemento estruturante das racionalidades autoritárias contemporâneas.

No decorrer da pesquisa, verificou-se que gênero e sexualidade ocupam lugar privilegiado nessas racionalidades, deixando de representar exclusivamente reivindicações por reconhecimento para converterem-se em tecnologias políticas de guerra. As contribuições de Bento (2015) e Puar (2015) demonstram que discursos relacionados aos direitos das mulheres e da população LGBTQIA+ podem ser instrumentalizados para legitimar relações hierárquicas de poder, projetos nacionais e novas formas de exclusão, evidenciando que determinadas conquistas podem ser incorporadas a estruturas que mantêm desigualdades e processos de violências.

No contexto brasileiro, observou-se que essa instrumentalização ocorreu por meio da produção de pânico morais em torno das dissidências sexuais e de gênero. Assim, evidenciou-se como essas narrativas transformaram a diversidade em uma ameaça à ordem social, atualizando mecanismos historicamente presentes nas experiências fascistas e sustentando projetos políticos baseados na fabricação permanente de inimigos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E PROJEÇÕES

No decorrer desta pesquisa, procurou-se demonstrar que gênero e sexualidade ocupam um lugar privilegiado nas estratégias contemporâneas de fabricação do inimigo. Além de compreender por que determinados corpos, identidades e formas de existência são transformados em alvos dos discursos autoritários, importa compreender por que projetos políticos continuam necessitando da produção permanente de ameaças para sustentar promessas de ordem, unidade e pertencimento. Nesse contexto, gênero e sexualidade deixam de se referir exclusivamente às experiências concretas dos sujeitos e passam a operar como significantes capazes de concentrar medos, ressentimentos e imaginários sociais. O problema, portanto, não reside na diferença em si, mas nos mecanismos políticos que a transformam em ameaça.

Assim, a análise do fascismo contemporâneo não se limita à identificação dos inimigos produzidos em cada contexto histórico, mas busca compreender as condições que tornam necessária a sua existência. Afinal, toda política fundada na promessa de uma comunidade homogênea exige, simultaneamente, a invenção daqueles que

supostamente não deveriam fazer parte dela. É precisamente nessa transformação da diferença em ameaça que o fascismo encontra uma de suas formas mais persistentes de permanência histórica.

Financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BENTO, Berenice. Gênero e sexualidade como armas de guerra. **Ihu.unisinos**. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/547235-genero-e-sexualidade-como-armas-de-guerra>. Acesso em: 01 jun. 2026.

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Tradução de Eliana Aguiar. 1 ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

MBEMBE, Achille. Políticas da inimizade. Tradução de Marta Lança. Portugal: Antígona, 2017.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, p. 101-128, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/tWFyRWkCdWv4Tgs8Q6hps5r/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 jun. 2026.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+**: uma breve história do século XIX aos nossos dias. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

PUAR, Jasbir K. Homonacionalismo como mosaico: viagens virais, sexualidades afetivas. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, v. 3, n. 1, 2015, p. 297-318. Disponível em: <https://rlec.pt/index.php/rlec/article/view/1788/1805>. Acesso em: 05 jun. 2026.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**: a política do “nós” e “eles”. Tradução de Bruno Alexander. Porto Alegre: L&PM, 2022.

TRAVERSSO, Enzo. **As novas faces do fascismo**. Tradução de Mônica Fernandes *et. al.* Belo Horizonte: Âyiné, 2021.